



## MEDITAÇÕES SOBRE AS FAKE NEWS

Roberto Romano

Professor Titular da Unicamp

[romanor@uol.com.br](mailto:romanor@uol.com.br)

“A má fé se distingue fundamentalmente da mentira, se o mentiroso mente ao seu interlocutor, o indivíduo de má fé mente para si mesmo. Eis um paradoxo: aquele a quem se mente e aquele que mente são uma só e mesma pessoa, o que significa que devo saber, como enganador, a verdade que é mascarada para mim enquanto sou enganado. Mais sinteticamente: devo saber esta verdade para escondê-la de mim”. (Sartre).

Na Grécia antiga existiu uma lei que proibia mentir ao povo (<sup>1</sup>), num veto à demagogia. As atitudes negativas diante da mentira vão dos textos platônicos aos kantianos, atenuadas por escritores liberais como Benjamin Constant. *Fakenews* são antigas como a fala humana. Pode-se aventar mesmo, com pensadores como Rousseau, que a própria fala e a escrita, sua irmã enfraquecida, formam um conjunto sonoro e visual mentiroso que disfarça a veracidade do gesto. O tema é frequentado pela filosofia ética do Ocidente, tendo mesmo o escritor renascentista Torquato Acetto publicado um pequeno escrito sobre *La Dissimulazione onesta*. (<sup>2</sup>) A simulação e a dissimulação são fatos de comportamento e língua que integram o campo da mentira. Entre muitos, Montaigne pensa que se a mentira e a duplicidade aumentam, a vida social e política ficam impossíveis. Há um desvio entre o ato mentiroso e o verdadeiro, atalho aberto por Rousseau. Falo da sinceridade. Quando digo tudo o que sou e penso e digo tudo o que

---

<sup>1</sup> Jon Hesk, *Deception and Democracy in Classical Athens* (Cambridge, University Press, 2000).

<sup>2</sup> Na internet

[https://www.liberliber.it/mediateca/libri/a/acetto/della\\_dissimulazione\\_onesta/pdf/acetto\\_della\\_dissimulazione\\_onesta.pdf](https://www.liberliber.it/mediateca/libri/a/acetto/della_dissimulazione_onesta/pdf/acetto_della_dissimulazione_onesta.pdf)

penso dos outros, sou sincero. O livro de Rousseau, *As Confissões*, título roubado de Santo Agostinho, diz tudo. Os críticos de Rousseau no século 18 e hoje replicam: a sinceridade assim praticada é uma das piores desonestidades e agressões. Quando digo ao outro tudo o que dele penso ou que penso ser ele, eu o mato na alma, não apenas no corpo. As “redes sociais” acolhem sinceros assassinos, os organizam em maltas de fuga e perseguição, agora piores do que as analisadas por Elias Canetti em *Massa e Poder*. As maltas discutidas por Canetti tinham limites físicos. As da internet ignoram limites. Rousseau, com certeza, conhecia o trecho de Hobbes sobre a vida em sociedade (*De cive*). Ele recomenda que, numa reunião pública, as pessoas procurem sair por último, pois a cada vez que um indivíduo deixa o recinto, quem fica diz tudo o que pensa dele. É a perene luta de todos contra todos, onde reina o homem lobo do homem. Hobbes é sarcástico, após descrever modos que antecipam as redes “sociais” de hoje: “tais são”, diz ele, as delícias da sociedade, que permite estraçalhar uma pessoa. <sup>(3)</sup> Francis Bacon já dizia que, se tivesse um espelho que lhe mostrasse os que os outros dele pensavam e diziam, o quebraria por motivos óbvios. Devemos lembrar a passagem de Heidegger em *Ser e Tempo*, que enuncia o *das man*, o *se* com o qual age o palavrório e os ataques de todos contra todos. Fala-se tudo dos outros, mas sempre de modo anônimo, sem que ninguém responda pelo enunciado. Assim, ninguém fala propriamente, mas é o discurso anônimo e baixo, mesquinho. No palavrório, *Gerede*, somos falados, não falamos. Platão trata o problema nos diálogos *Sofista*, *Protagoras*, *Gorgias*. neste último, salientemos a fala persuasiva e mentirosa, o exemplo do cozinheiro e do médico : o médico é recusado pelo juri das crianças, porque exige disciplina e regime correto. O cozinheiro é escolhido porque oferece delícias sem disciplina ou contenção. O lugar do sofista enuncia platão, é a mentira, o *pseudos*. Mesmo assim devemos ao filósofo o invento mentiroso da... mentira política necessária. Tal fabricação inspira Goebbels: γενναῖον ψεῦδος, *gennaion pseudos* - "a mentira ou opinião errada sobre a origem".

---

<sup>3</sup> “But for the most part, in these kind of meetings, we wound the absent; their whole life, sayings, actions are examin'd, judg'd, condemn'd; nay, it is very rare, but some present receive a fling before they part, so as his reason was not ill, who was wont alwayes at parting to goe out last. And these are indeed the true delights of Society”. *De Cive*, Chapter I. Of the state of men without Civill Society (Thomas Hobbes, *Man and Citizen, De Homine and De cive*, Cambridge, hackett Publishing, 1993,p. 110-111 e ss.

Trata-se de um artifício (*μηχανή*), instrumento de manipulação artificial, científica, para controlar o vulgo. A mentira deve ser facultada ao especialista, o filósofo que, a exemplo do médico, conhece a doença e o doente e prescreve remédios para a cura do indivíduo e da cidade. Mas remédio, *pharmakon*, pode ser entendido naquela cultura como veneno. Conhecemos o que resultou da leitura nazista daquele passo da *República*, justamente a fórmula nominal: *grosse Lüge*, atribuída por Hitler, no *Minha Luta* aos judeus e aos marxistas. Ambos queiram pôr a culpa da perda na Primeira Guerra a Ludendorff. “Toda grande mentira tem como base, afiança Hitler, no princípio – verdadeiro em si mesmo– segundo o qual na grande mentira há sempre uma força de credibilidade, porque as grandes massas são facilmente corrompidas nos mais profundos estratos de sua natureza emocional do que na consciente ou voluntária; na simplicidade primitiva de suas mentes eles com mais facilidade caem vítimas da grande mentira do que da pequena, pois eles, com frequência, contam mentiras pequenas mas teriam vergonha de cair nas malhas das extensas falsidades”.<sup>(4)</sup>

Nada é dito pelo tirano, que já não tivesse sido enunciado, com sentido diverso, por Aristóteles, Platão e sobretudo por Plutarco, o mestre maior da ética do Ocidente. A mentira ganha importância em dois tratados, importantes na cultura filosófica e política. Primeiro, o *De curiositate*. É porque existe no ser humano um desejo malfazejo de tudo saber sobre a vida alheia, que a mentira e a calúnia encontram terreno para sua sementeira de ódios. O visualizador e ouvinte das novidades é o receptáculo ideal do mentiroso. Exemplifica Plutarco: se alguém descreve um casamento, o curioso boceja, pois tudo naquela cerimônia é conhecido. Mas se o narrador diz que houve um assassinato no evento, as orelhas do curioso se erguem, ele exige detalhes escabrosos. Mas não haveria como satisfazer tal curiosidade sem o tagarela que fala de tudo e todos. Temos outro tratado, o *De garrulitate*. O falador espalha novidades em todo tempo e lugar. Plutarco aconselha a quem deseja fugir do falatório, nunca falar no barbeiro, porque ali se encontram o falador e o curioso. Quem precisa ser discreto na política, deve escapar de personagens assim. No fundo do falador e do curioso está a paixão de fazer o mal (*kakourgia*), ínsita em todo homem. Na *República* Platão conta o quanto é desprezível tal curiosidade. Na subida do Pireu rumo à cidade, ficavam os enforcados. Certo sujeito tentava reprimir em si mesmo o desejo de ver o desgraçado morto. Finalmente vence a curiosidade de seus olhos. É possível a curiosidade científica, que

---

<sup>4</sup> Adolf Hitler, *Mein Kampf*, vol. I, cap. X

examina os céus e a terra. Mas a mais comum é a perversa, que busca ansiosamente o mal que domina os próximos e o coletivo. Tal é a fonte que espalha o veneno da mentira, da calúnia e de todos os atos covardes similares.

O que nos leva ao ponto crucial. Sempre que a mentira se espalha, agora via internet, apela-se para a livre expressão. O verdadeiro, no âmbito público, não pode se reduzir ao simples jogo daquela liberdade. Ela, com certeza, é um elemento preliminar do espaço democrático, mas não é o seu horizonte derradeiro. Sabemos que não raro, sob o nome da democracia e da liberdade jazem teses liberticidas. Existem e existiram autores “democráticos” para os quais a “opinião pública” é um fantasma. Entre eles, W. Lippman<sup>(5)</sup>. O caráter fantasmagórico viria, segundo ele, do seguinte fato: a opinião dos cidadãos jamais atinge o estatuto do verdadeiro juízo político, pois só manifesta um ponto de vista particular e limitado sobre a realidade social e política. A democracia não tem como alvo garantir um espaço em que se desenvolve a opinião pública. Tal opinião, ao contrário, é obstáculo a ser vencido. É preciso controlar a opinião por meio de procedimentos governamentais que fabriquem o consenso: “a fabricação dos consensos será o objeto de refinamentos substanciais (...) graças aos meios de comunicação de massa”, diz o mesmo Lippmann no famoso *Public opinion*. (*Public Opinion*, (1922).

Em versão recentíssima um especialista em filosofia política escreve, sobre as chamadas reformas empreendidas pelo atual controle do Brasil: “Mais concretamente, teria sido muito difícil realizar esse conjunto de reformas contando com a participação popular, visto que ela foi intoxicada pelos 13 anos e meio de lulopetismo. Muito foi prometido e feito tendo como condição o completo descuido com as finanças públicas. A corrupção tomou conta do aparelho do Estado e o Brasil quase foi à falência. Eis a herança maldita recebida. E, no entanto, os eleitores acreditaram que fosse possível continuar o distributivismo social, sem criar condições para o aumento da riqueza. O Estado, além de saqueado, foi exaurido.”<sup>(6)</sup>

A essa clara suspeita, hoje ainda mais dirigida contra o sistema democrático, indicado por vários escritores, se acrescenta portanto o receio da opinião pública. Tal idiosincrasia, retomo, é velha como o Ocidente. Em Platão ela foi sistematizada na

---

<sup>5</sup> W. Lippmann, *The Phantom Public* (1925), republicado pela Ed. Routledge, 2017.

<sup>6</sup> Denis Rosenfield, “As boas almas e a política”, *Estado de São Paulo*, 13/novembro/2017.

tese de que a competência científica ou técnica é tarefa que não pode, nem deve, ser obra de discussão, debate, opiniões. No pensamento platônico, a *epistême* deve ser distinta, absolutamente, da mera *doxa*. Tal ideário é encontrado ao longo da história e tem como ápice o pensamento autoritário do século 19 e do século 20. Basta recordarmos o refrão de Carl Schmitt e de seus discípulos, de esquerda ou direita, contra a democracia parlamentar, na qual muito se debate, se engana e pouco se decide .

Cito as ideias do jurista autoritário sobre o controle da opinião pública e a fábrica de legitimidade a ser conseguida para o poder. Citando Schmitt: "Na fórmula do Estado total se esconde este conhecimento exato: o Estado atual possui novos meios de potência e possibilidades de uma intensidade extraordinária, do quais pressentimos dificilmente a amplitude e os efeitos últimos, porque nosso vocabulário e nossa imaginação ainda se enraízam no século 19". Assumindo o Estado na era da técnica (o enunciado é de J.F. Kervégan) Schmitt afirma que no mister de formar a opinião pública a imprensa estaria prestes a ser destronada pelo audiovisual (rádio e cinema), técnicas de influenciar massas. A mídia não seria um espaço de liberdade de expressão, mas de ameaça ao Estado, concorrente na tarefa de moldar o pensamento coletivo. O Estado efetivo deve responder à ameaça por um controle, (direto ou indireto) daquelas técnicas como instrumentos de propaganda. "Não existe ainda", acrescenta Schmitt, "um Estado tão liberal que não tenha reivindicado em seu proveito pelo menos a censura intensiva e o controle sobre filmes e imagens, e sobre o rádio. Nenhum Estado pode permitir deixar a um adversário estes novos meios técnicos de dominação das massas, sugestão das massas e formação da opinião pública". O Estado total, no sentido dado por Schmitt, tem o controle dos meios de comunicação. "Os novos meios técnicos pertencem exclusivamente ao Estado e servem para o aumento de sua potência". O Estado total "não deixa surgir em seu interior forças inimigas que o obstruem ou o desagregam. Ele não pensa deixar que seus inimigos disponham de meios técnicos, deixando também sapor sua potência por um slogan qualquer como Estado de direito, liberalismo ou um nome outro. Ele sabe distinguir entre amigo e inimigo. Neste sentido ele é um Estado total. Sempre foi assim e a novidade reside apenas nos meios técnicos, cuja importância política deve ser levada em conta".

Entremos no caso brasileiro. Existiria maior fábrica de notícias mentirosas do que as agências oficiais e a propaganda dos governos no Brasil, dos municípios ao âmbito federal ? O próprio termo, propaganda, vem da conquista das opiniões, inaugurado no Vaticano e chamado *De propaganda fidei*. Não existe, ali, nada de verificar notícias,

pois se trata de impor dogmas a milhões de seres humanos, sem pesquisas lógicas e factuais. Vitor Klemperer, em *A língua do terceiro império*, mostra o peso dos adjetivos, das aspas, e de outros truques de fala e escrita para distorcer a própria narrativa e a do inimigo. No Brasil, o Dipe, os publicitários do país grande da ditadura de 64, mentiram com maestria, sendo acreditados piamente. Vivemos em regime de Estado total. Agora, devido à prática bem sucedida de Trump e seus spin doctors, temos a correria para impedir as *fake news* no ilibado e insuspeito mercado eleitoral brasileiro. Na verdade, senhores, vemos apenas um desculpa, mentira monstruosa, para controlar, ao estilo de Carl Schmitt, as práticas políticas opostas ao poder *de facto*, mesmo que ele tenha se constituído sobre um oceano de mentiras e propaganda. Assinala-se, contra o fantasma das *fake news* um novo exercício de vigiar e punir, para que seja garantida a hegemonia de oligarquias encasteladas nos palácios. Com a presença da Abin, das Forças Armadas e de outros setores repressivos de um Estado carente de legitimidade na opinião pública, se prepara um mega Ato institucional número 5 e dele será difícil escapar, como ainda é difícil escapar do espírito de censura instaurado desde longa data pelo Dipe e outros mecanismos. O alimento das *fake news* é o poder sem limites. Mas com as medidas anunciadas, podemos antecipar: um projeto de mando inaudito e monstruoso se anuncia, a pretexto de combater a mentira. Nada mais oportuno do que recordar a fala de Zaratustra: 'Eu, o Estado, sou o povo'. Mentira. Os criadores formaram os povos e desenrolaram sobre suas cabeças uma fé e um amor; eles serviram a vida. Mas os destruidores puseram armadilhas para a multidão, é o que eles chamam Estado; eles puseram sobre suas cabeças uma espada e cem apetites. Se ainda existe um povo, ele nada compreende do Estado e o odeia como um pecado contra a moral e o direito. (...) Cada povo tem seu idioma do bem e do mal e o povo vizinho não o entende. Mas o Estado sabe mentir em todas as línguas do bem e do mal e em tudo o que ele diz, mente e tudo o que possui, roubou. Tudo nele é falso; ele morde com dentes falsos, até suas entranhas são falsas. ( ) O Estado é o lugar onde todos estão intoxicados, bons e maus, onde todos se dissolvem (...) onde o lento suicídio de todos é chamado 'vida'. (...) Vede estes supérfluos: eles adquirem riquezas e apenas se tornam mais pobres. Eles querem o poder (*Macht*) e, antes, a alavanca do poder, muito dinheiro — esses impotentes! Vede como eles sobem, tais macacos ágeis. Eles sobem uns sobre os outros e se fazem mutuamente cair na lama e no abismo. Todos querem ganhar o trono. Com frequência é a lama que está sobre o trono, e não raro o trono está plantado na

Meditações sobre as Fake News  
ROMANO, R.

lama. Todos loucos...seu ídolo fede, este monstro frio; eles também fedem, os idólatras...”. Lúcido e atual Zaratustra. Obrigado.